



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

A DOR SEDIMENTOSA E A CATÁSTROFE DO EXISTIR: BASTARDIA, DESAMPARO E ANGÚSTIA EM *FRANKENSTEIN* DE MARY SHELLEY

Fernanda Vieira de Sant' Anna (UERJ)

Profa. Dra. Lucia Rodriguez de La Rocque (UERJ)

RESUMO:

Ilegitimidade na representação literária pode ser vista como uma reação a uma situação contemporânea, ressaltando problemas que são condicionados, mas não resolvidos pelas normas coetâneas (ISER, 1994, p.30). Além de apontar uma ruptura na normalidade, em diversas obras, a figura do bastardo é associada a desamparo, crimes, dor, trauma e más ações e sua figura transgredir, ao passo que reafirma, a sacralidade da instituição familiar tradicional ocidental, pai-mãe-filhos. Nesse sentido, a obra *Frankenstein or The Modern Prometheus* (1818), de Mary Shelley, apresenta um dos maiores ícones da bastardia na literatura, ao desdobrar como o cientista Victor Frankenstein cria um humanoide cientificamente e o abandona logo após o experimento, com a trama girando em torno de como suas vidas seriam afetadas por essas circunstâncias. Nesse ponto, se a condição humana reclama a dor, a criatura de/em Frankenstein reclama uma dor singular composta por camadas inter-relacionadas de dores físicas e psicológicas, tal como a de ser um experimento, ser rejeitado, desamparado física e emocionalmente pelo seu criador e pela sociedade, desprezado nos poucos contatos com humanos (SHELLEY, 1818, p.96). Por outro lado, Victor, em sua rejeição e negação, é assaltado pela dor e culpa de perder seus queridos pela mão da catástrofe gerada, com dores e cuidado infinitos, por ele próprio (SHELLEY, 1994, p.55). A criatura e seu criador figuram como representações das transgressões morais e éticas na ciência, na natureza e nas estruturas familiares sacralizadas na cultura ocidental. Este trabalho possui em Freud (2013a, 2013b) seu principal aporte teórico e problematiza os limites do parentesco, a ilegitimidade como transgressão na literatura e na sociedade, a monstrificação do bastardo como ruptura e reafirmação do *status quo*, bem como os estados de angústia e aflição de criador e criatura e seu dilema para sempre indissolúvel.

Palavras-chave: Bastardia. Ilegitimidade. Psicanálise. Parentesco. Sofrer. Desamparo.

A DOR SEDIMENTOSA E A CATÁSTROFE DO EXISTIR: BASTARDIA, DESAMPARO E ANGÚSTIA EM *FRANKENSTEIN* DE MARY SHELLEY

Fernanda Vieira de Sant' Anna (UERJ)
Profa. Dra. Lucia Rodriguez de La Rocque (UERJ)

A representação literária da ilegitimidade pode ser encarada como uma reação de atração e repulsão pelo tabu da quebra da relação marital, laço hegemônico importante para a sociedade ocidental, a família nuclear monogâmica e heterossexual. A bastardia aponta uma ruptura no tecido da normalidade, onde o fruto da relação extraconjugal é associado, com frequência, ao desamparo, crimes, dor, trauma e más ações. Como por exemplo Edmund, o bastardo na peça *King Lear* (1603) de Shakespeare, ou os inúmeros bastardos de Dickens, Esther Summerson em *Bleak House* (1853), Arthur Clennam em *Little Dorrit* (1857), Estella em *Great Expectations* (1861), que possuem presença emblemática sendo ou não os protagonistas das obras. Assim, a representação literária da bastardia pode ser uma forma de reação a problemas contemporâneos dados que não estão resolvidos (ISER, 1994, p.30). A figura marcante do bastardo transgredi, ao passo que reafirma, a sacralidade da instituição familiar tradicional ocidental, pai-mãe-filhos. E no seio dessa representação questionadora, *Frankenstein or The Modern Prometheus* (1994) de Mary Shelley figura como um expoente no alargamento das fronteiras de parentesco, sofrimento e consciência de culpa.

A obra emblemática de Mary Shelley, apresenta um dos maiores ícones da bastardia na literatura, ao desdobrar as consequências de como o cientista, Victor Frankenstein, desconsiderando ética e princípios morais, movido pela sua luxúria científica em entender e superar a morte, descobre uma técnica para dar vida a criaturas inanimadas, monta uma criatura humanoide, dá vida a essa criatura e a abandona à própria sorte, movido pelo horror e culpa de seu feito. A obra, primeiro publicada anonimamente em 1818, possui uma história peculiar em sua origem, relevante para o tema em questão. Segundo a narrativa da própria autora, no prefácio da edição da obra de 1831, no verão de 1816, ela e seu marido¹, passaram o verão na Suíça, na vizinhança de Lord Byron². Por ser um verão chuvoso, ficaram confinados em casa com alguns volumes de histórias de fantasmas

¹ Percy Bysshe Shelley (1792-1822), notório escritor inglês. (DRABBLE, Margaret (Ed). The Oxford Companion to English Literature (6th ed). Oxford, New York: Oxford University Press, 2000, p. 925)

² George Gordon Byron (1788-1824), Lord Byron. Famigerado escritor inglês (DRABBLE, Margaret (Ed). The Oxford Companion to English Literature (6th ed). Oxford, New York: Oxford University Press, 2000, p. 157)

traduzidas do alemão para o francês. Envolto nessa atmosfera, Lord Byron sugeriu que escrevessem histórias de fantasmas. Percy B. Shelley, Polidori³, e Lord Byron se puseram a criar, mas Mary não conseguiu conceber uma história de imediato, passando dias pensando sobre o assunto. Após uma noite de conversas sobre ciência, reanimação de cadáveres e galvanismo⁴, a autora não conseguia dormir, deixando sua imaginação flutuar no enredo da sua futura obra. E assim nasceu *Frankenstein or The Modern Prometheus* (SHELLEY, 1994, pp. 5-10), de um pesadelo acordado da autora, uma expressão de sua angústia mesclada à sua biografia, que é recheada de problemas familiares, perda de filhos, traição, culpa e bastardia. A projeção do medo do sofrimento e do próprio sofrimento da autora impressas na criatura e em seu criador.

Em *Frankenstein*, a famigerada criatura não foi gestada, mas criada cientificamente, de forma a ser não somente um ilegítimo, mas um ser humano bastardo. Ela não possui nome, o que nega sua própria existência em uma sociedade moldada pela linguagem, onde a identidade é formada por discurso (HALL, 2006, p. 4). Para entender os laços familiares em *Frankenstein*, é preciso compreender que o parentesco pode ser fundamentado em um laço consanguíneo ou firmado em uma relação de afetividade sem laços biológicos, mas independente da maneira como esse laço de parentesco se constrói, ele é fundamentalmente social (AUGÉ, 1975, p. 13-15). Assim sendo, na obra de Mary Shelley, a criatura e seu criador não firmam parentesco consanguíneo ou afetivo reconhecível, mas se entrelaçam numa relação social tumultuada e entrecortada pelo abandono e falta de reconhecimento. O criador, ao não assumir sua criatura, a coloca completamente isolada da sociedade, pois ela não pode, a priori, ser ligada por parentesco de afinidade ou consanguinidade a ninguém.

Nesse ponto, se a condição humana reclama a dor, a criatura de/em *Frankenstein* reclama uma dor singular composta por camadas inter-relacionadas de dores físicas e psicológicas, tal como a de ser um experimento, ser rejeitado, único e solitário, desamparado física e emocionalmente pelo seu criador e pela sociedade, sendo desprezado nos poucos contatos com humanos (SHELLEY, 1818, p. 96). Em *Frankenstein*, a dor e a ilegitimidade se sedimentam na complexidade das relações

³ John William Polidori (1795-1821), escritor e médico inglês. (DRABBLE, Margaret (Ed). The Oxford Companion to English Literature (6th ed). Oxford, New York: Oxford University Press, 2000, p. 801)

⁴ Galvanismo: s.m. 1. [Eletricidade]. Eletricidade produzida por contato de corpos heterogêneos, ou por ação química, sem percussão, nem fricção. 2. [Medicina] Conjunto de fenômenos elétricos musculares. GALVANISMO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dIDLPO>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

humanas e nas relações de si próprio e os conflitos de ser humano. Segundo Freud, as três fontes de onde se originam o sofrer humano são: “a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 2013a, p. 30). A criatura em *Frankenstein* é uma violação à prepotência da natureza, visto que seu nascimento fere o ciclo natural de reprodução humana e põe a morte em cheque, posto que a criatura é constituída de matéria orgânica morta. Ainda sobre a prepotência da natureza, seu próprio “nascimento”, ao desafiar a natureza, se torna matéria de sofrer por torna-lo único de sua espécie, um pária, desamparado, sem iguais, ressonando na insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos. A criatura é bastarda, humanoide ilegítimo, ostracizado pela distância da humanidade, esteticamente evidenciada na fisionomia da diferença.

Em segunda instância, a criatura não sofre com a fragilidade do corpo no sentido de fraqueza de constituição, já que sua compleição, apesar de humanoide, possui características mais resistentes que a humana, como encontrado no romance “[...]to make the being of gigantic stature; that is to say, about eight feet in high and proportionably large” (SHELLEY, 1994, p. 51)⁵ e “[...], you have made more powerful than thyself; my height is superior to thine, my joints more supple” (SHELLEY, 1994, p. 95)⁶. O sofrimento pela fragilidade do corpo vem pela diferença desse mesmo corpo, que não acha semelhantes e não é aceito socialmente. A criatura é monstruosa, única, monstruosamente humana e sua gênese é uma catástrofe (SHELLEY, 1994, p. 55). Em uma dimensão onde “beleza, limpeza e ordem ocupam claramente um lugar especial entre as exigências culturais” (FREUD, 2013a, p. 38), a criatura será o ponto dissonante que deve ser expurgado da civilização, posto que ela não é bela, é constituída de pedaços de matéria orgânica morta e fere totalmente a ordem que se compreende como natural, bem como a social. A criatura já nasce condenada não só à extinção, por ser a única de sua espécie, bem como nasce condenada ao isolamento físico e social.

Em última instância, no que se refere à criatura e às fontes de sofrer de Freud, e talvez a mais complexa por entrelaçar as duas fontes supramencionadas, compreende a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos. Para a criatura, tais normas são, além de insuficientes, impossíveis. A criatura não cabe nas normas sociais por não

⁵ “[...]fazer a criatura em estatura gigante; ou seja, oito pés de altura e proporcionalmente largo” (SHELLEY, 1818, p. 51, tradução nossa)

⁶ “[...], você me criou mais poderoso que você mesmo; minha estatura superior, minhas juntas mais flexíveis” (SHELLEY, 1818, p. 95, tradução nossa)

ser um ser humano reconhecido, tornando tais normas ainda mais evidentemente insuficientes e incapazes de envolver a criatura em suas complexidades. E as normas existentes, criadas pelos homens, não trazem bem-estar e proteção para a criatura, função essa da regulação dos vínculos humanos. Mesmo assim, abandonar a civilização que já não a ampara não diminui seu sofrimento, considerando-se que “tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça das fontes do sofrer é parte da civilização” (FREUD, 2013a, p. 31). O isolamento da criatura não é a fonte primeira de seu sofrimento pela insuficiência de normas sociais, mas a falta de sua integração à essas mesmas normas, à sociedade e civilização. A criatura não existe na sociedade, doravante não encontra amparo na mesma, não podendo se isolar daquilo ao qual não pertence. A criatura quer pertencer, mas não cabe nas instituições existentes. Quer se isolar, mas não pode se isolar daquilo ao qual não pertence. Além disso, a criatura reafirma a necessidade dos vínculos humanos na busca pelo bem-estar. A criatura caminha ao largo do fato social que, por consistir em representações e ações, não pode ser confundido com fenômenos orgânicos ou físicos (DURKHEIM, 1982, p. 52), de forma que o contexto na qual está inserida exerça sobre ela um poder coercitivo poderoso, alargando a distância para com a civilização e aumentando a margem de seu sofrer; ao passo que Victor força os limites do fato social. Assim, a criatura é permeada de múltiplas camadas de sofrer que vão se desdobrar na sua consciência e consciência de culpa, sendo esta última dividida com Victor, mas não pelos mesmo motivos.

Se a criatura sofre em todas as instâncias das fontes do sofrer, Victor Frankenstein, busca esquivar-se do sofrimento em sua tentativa de eliminar as fontes do sofrer e deslocando sua libido para seu trabalho nessa empreitada (FREUD, 2013a, p. 23), mas acaba por sofrer das mesmas fontes que tão intensamente procura subjugar. Ao entender as forças que movem o mundo, “*The world was to me a secret which I desired to divine*” (SHELLEY, 1994, p. 35)⁷, Victor se aproxima da prepotência da natureza, em sua busca por descortinar seus segredos de vida e morte. O encantamento pueril ao observar um raio fulminar uma árvore, se transforma em uma obsessão pela compreensão/dominação das forças da natureza. Compreender a prepotência da natureza passa a ser uma forma de submissão da mesma pela ciência, ferramenta possível para a humanidade. Em sua busca, Victor se reproduz de forma assexuada e estéril, gerando seu duplo que não será seu igual,

⁷ “O mundo era para mim um segredo que eu desejava desvendar” (SHELLEY, 1831, p. 35, tradução nossa)

mas acabará por ser uma forma de espelho. Como um Adão, falho, na criação perfeita de um deus onipotente.

Em outra instância, ao fabricar uma criatura humanoide, Victor se afasta da fragilidade do corpo, pois ele ignora os componentes naturais que compõem a fisiologia humana e molda uma criatura ele mesmo, quase que como uma mitose inorgânica. Des/reconstruir o corpo e insuflar-lhe vida é dobrar a fragilidade do corpo sobre sua vontade com o uso da ciência. A concepção, a morte e o corpo sob o conhecimento científico, a fragilidade desvendada, a gênese reproduzida. Apesar de dominar a fagulha que dá vida, Victor não se esquivava da fonte de sofrer, pelo contrário. Por quebrar o tabu da criação e concepção, desenvolve uma consciência de culpa pelo tabu que se expressa pelo abandono de sua criação logo após a catástrofe de sua gênese. Victor não supera a fragilidade de seu próprio corpo, além de ser incapaz de impedir que seus amigos e família sofram com a fragilidade dos seus próprios corpos, que perecem diante da violência da sua própria criatura e sua omissão enquanto criador. A exemplo de Clerval, seu amigo, que é assassinado pela criatura após a recusa de Frankenstein em criar uma companhia para ela. Ou de seu irmão caçula, William, que é morto pela criatura em um momento de raiva.

E, por fim, dentro das fontes de sofrer de Freud, ao não assumir sua criação, negando-lhe o primeiro vínculo social – a família –, Victor se esquivava da terceira fonte do sofrer. Ele foge de sua prole talvez em uma tentativa de evitar as muitas rupturas das normas que regulam os vínculos humanos, já que a criatura é um enigma científico e não, necessariamente, humana. Ele foge, ignora a criatura, pode-se dizer que em uma tentativa de se manter distante das consequências de sua lascívia científica e em uma tentativa de não ter que lidar com as regras sociais no que concerne à criatura e aos seus próprios atos como pesquisador. Se suas atitudes ultrapassam os limites éticos da pesquisa científica, ao ignorar sua criação, não precisa lidar com as consequências que frutificariam de seu experimento. Tampouco teria que lidar com a total ausência de regras sociais no que concerne sua criatura/prole e ele próprio, enquanto criador. Ainda assim, as rupturas de Victor com as fontes não o tornam imunes ao sofrimento, mas o trazem mais próximo a ele. O emprego exclusivo de sua libido, expectativa e energia para seu trabalho com resultado insatisfatório, para ele, torna seu abandono no sofrimento ainda maior. Ao quebrar o ciclo da natureza, ao produzir um humanoide e ao negar os vínculos sociais, Victor desencadeia uma série de acontecimentos que o fazem perder sua família, sua amada, seus amigos e sua vida. Ele acaba sendo atingido pelas mesmas fontes que tentou

subjugar, sendo assaltado pela dor e culpa de perder seus queridos pela mão da catástrofe gerada, com dores e cuidado infinitos, por ele próprio (SHELLEY, 1994, p.55).

Victor Frankenstein, pode-se dizer, sofre de uma “recriminação obsessiva” (FREUD, 2013b, p. 58) pelas mortes de amigos e familiares provocadas pela criatura. No caso de Justine e seu irmão mais novo, William, onde a criatura mata o infante e incrimina Justine, Frankenstein silencia sobre a natureza do assassinato sob o receio de passar por louco. Victor afirma confiar na justiça para inocentar quem ele sabe ser inocente, recrimina-se por todo o infortúnio, mas não se pronuncia publicamente sobre o assassino ser fruto de suas mãos. O silêncio de Victor aquiesce com a condenação de Justine, alimentando uma “recriminação obsessiva” que estaria apenas começando. A morte de seu amigo Clerval, como citado, e, por fim, de sua – então já – esposa, Elisabeth, culminam por alimentar tal recriminação e consciência de culpa de tal forma, que Victor torna sua missão de vida eliminar sua própria criação em uma pulsão para expurgar sua culpa.

A criatura, em mais uma tentativa de eliminar as fontes do sofrer, pede a Victor que lhe crie uma companhia, tal como ele. Assim, ao buscar uma parceira, a criatura faz uma tentativa de criar uma instituição social que lhe traga bem-estar e proteção. A criatura está buscando os laços sociais e civilizatórios que abraçam a humanidade na tentativa de diminuir a influência das fontes do sofrer. A criatura tenta inscrever na realidade seu delírio de uma instituição social que a acolha, de um amor que diminua seu sofrimento, lhe trazendo a satisfação de amar e ser amada, e do fim da sua singularidade enquanto espécie, corrigindo um traço inaceitável no mundo de acordo com seu desejo (FREUD, 2013a, p. 26). Ao ver seu sonho de companhia destruído pela negativa de Victor em repetir seu experimento, – Victor que, por sua vez, está em sua própria busca de evitar incorrer novamente nas rupturas que causaram sofrer – a criatura sofre novo desamparo e dá vazão à sua pulsão de morte, já que não há mais travas que o impeçam de seguir seus impulsos. A criatura não teme a rejeição, ela já é rejeitada. Não teme a perda do amor, ela não o possui. Não teme a fragilidade do corpo, sua monstruosidade é fonte de sofrer. Não teme a prepotência da natureza, ela pode pôr fim ao seu sofrimento.

Victor Frankenstein e seu duplo – a criatura –, representam, enquanto tabu, uma severa ruptura nas estruturas familiares regulares. Os laços maritais foram completamente ignorados, a concepção humana irremediavelmente varrida e as relações parentais suprimidas. O enredo anuncia catástrofe e que é possível quebrar o tabu, mas que nada de bom pode advir disso. Esse jogo de quebrar e reafirmar o *status quo* nos leva ao

tensionamento das relações de parentesco que não mais se dão exclusivamente por consanguinidade, mas são reafirmadas pela própria proposição de ruptura. Além disso, é importante destacar que, assim como o bastardo está permanentemente preso entre cultura e natureza (SCHMIDGEN, 2002), a criatura está duplamente aprisionada, pois suas origens não podem ser remontadas, assim como sua biologia não pode ser reconhecida como completamente humana. A criatura é um dilema cultural e biológico que leva o conceito de ilegitimidade aos limites da questão de o que constitui humanidade. A criatura e seu criador figuram como representações das transgressões morais e éticas na ciência, na natureza e nas estruturas familiares sacralizadas na cultura ocidental. Dessa maneira, a ilegitimidade como fato social – maneiras de agir, pensar e sentir externas ao indivíduo que são investidas com um poder coercivo exercendo poder sobre ele (DURKHEIM, 1982, p. 52) – se funde ao conceito de tabu de Freud que afirma que o tabu representa desejos poderosos que devem ser reprimidos e, por conta dessa urgência em reprimir os impulsos de transgressão, as pessoas tendem a desenvolver uma forte aversão contra os desejos que levam ao tabu (FREUD, 2013b, p. 30). Em *Frankenstein*, há a quebra do tabu da morte, da concepção e maternidade, bem como do parentesco. E por violar o tabu, o indivíduo se torna, ele mesmo tabu, pois pode tentar outrem a seguir seu exemplo. Na obra de Mary Shelley, dois personagens tabu são (des)construídos: a criatura e seu criador. Ambos são exemplos da ruptura com o tabu que, ao mesmo tempo, reafirma o *status quo*.

Em síntese, a representação de Frankenstein e a criatura pode ser geradora de uma reação de repulsão e atração pela quebra das relações matrimoniais e parentais, colocando uma interrogação nas relações familiares hegemônicas. Ainda sendo a exceção que reafirma a regra, a obra de Mary Shelley semeia a ilegitimidade como ruptura e questionamento dos limites das relações humanas. A busca pela eliminação das fontes de sofrer de Victor Frankenstein e da criatura desdobram-se em ruptura e em mais sofrimento. O desamparo da criatura, os traumas e más ações ao longo da obra se colocam como uma reação às relações contemporâneas experienciadas pela autora, que são ainda atuais, que não estão resolvidas e caem na insuficiência de normas sociais, sendo elas também fonte de sofrer. A transgressão do bastardo, bem como a transgressão da ciência, reafirma a sacralidade das instituições familiares e a sacralidade da vida. Essa quebra, questionadora de limites, implode as fronteiras do parentesco e promove a abertura de barreiras socialmente constituídas, revirando/provocando/questionando o sofrimento e a consciência das quebras de paradigmas tão firmemente sedimentados, como a família nuclear. Mary

Shelley, jovem, apavorada em sua inspiração criativa, expôs em sua representação literária uma aflição e um conflito que, mais de um século depois, ainda não foram resolvidos e ainda precisam ser questionados. Shelley afirma que não se cria do vazio, mas do caos (SHELLEY, 1994, p. 8) e em *Frankenstein* as criações e rupturas nascem do caos para o caos. Viver é caos, todas as regras e todas as construções para fugir ao caos da existência são construtos humanos e não entidades naturais dadas. A ciência pode, por exemplo, resolver a questão de uma paternidade biológica com o advento do teste de DNA, mas ao responder uma pergunta, cria inúmeras outras, tal como se a consanguinidade cria ou dissolve laços de parentesco afetivos, de forma que “a humanidade se encontra diante da ‘certeza que pariu a dúvida’” (FONSECA, 2014, p.67). Assim, a criatura e seu criador figuram como representações das transgressões sociais nas estruturas familiares ocidentais, de 1818 até hoje, quebrando e reafirmando o desamparo das relações humanas e a dor da existência, onde o humano estará sempre em busca de eliminar as fontes do sofrer.

Referências

AUGÉ, Marc (dir). *Os domínios do parentesco*: filiação, aliança matrimonial, residência. Tradução de Ana Maria Bessa. Michel Aghassian et al. Lisboa: Edições 70, 1975.

DURKHEIM, Emile. *The Rules of Sociological Method*. Translated by W. D. Halls. New York: The Free Press, 1982.

FONSECA, Cláudia. *Parentesco, tecnologia e lei na era do DNA*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2014.

FREUD, Sigmund. *O Mal-estar na civilização*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. *Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HALL, Stuart. "Introduction: Who Needs 'Identity'?" In: HALL, Stuart (ed). DU GAY, Paul (ed). *Questions of Cultural Identity*. London. Thousand Oaks, New Delhi: SAGE Publications, 2006.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. London: Routledge, 1988.

ISER, Wolfgang. *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. London: Johns Hopkins University Press, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas elementares do parentesco*. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1982.

SCHMIDGEN, Wolfram. "Illegitimacy and Social Observation: The Bastard in the Eighteenth Century Novel". In: *ELH*, Vol. 69, No.1. Johns Hopkins University Press, 1994.

p. 133-166. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/30032014>> Acessado em: 23, fev. 2015.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein or The Modern Prometheus*. London: Penguin Classics, 1994 [1831].

_____. *Frankenstein or The Modern Prometheus: the 1818 text*. Oxford: Oxford University Press, 2008.